

**Vik Muniz: um artista brasileiro no cenário artístico das artes contemporâneas, suas influências e aspectos importantes de sua obra**

*Eliane Moldes Martins Braga\**

[lica\\_martins@ig.com.br](mailto:lica_martins@ig.com.br)

*Marcelo Braga\*\**

[tiello20.braga@gmail.com](mailto:tiello20.braga@gmail.com)

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre os trabalhos do artista plástico contemporâneo Vik Muniz, um expoente brasileiro de renome internacional, inserido nesse movimento que, sobre influência de artistas consagrados como Andy Warhol (1928 – 1987), usa, entre outras, as técnicas estéticas das Artes Visuais no desenvolvimento de suas obras. Escolhe-lo como figura central dessa obra assumiu um caráter estratégico, pois em nossas leituras podemos notar que o público ainda parece desorientado diante da arte contemporânea, sentindo-se pouco preparado para entendê-la. Sendo assim, de início passamos um pouco sobre o histórico do movimento da arte contemporânea, fora e dentro do Brasil, para nos situarmos sobre suas origens e alguns de seus principais expoentes e entender como isso influenciou os trabalhos de Muniz. Suas obras trazem em sua essência algumas nuances que podem ajudar a desmitificar a caráter grotesco que as criações artísticas contemporâneas podem transparecer ao público que aprecia.

**Palavras-chave:** *Vik Muniz. Arte Contemporânea. Artes Visuais.*

**Abstract**

This work has as objective to make a reflection on the works of the plastic artist Vik contemporary Muniz, a Brazilian exponent of international, inserted reputation in this movement that, on influence of consecrated artists as Andy Warhol (1928 - 1987), uses the aesthetic techniques of the Visual Arts in the development of its workmanships. It

---

\*Pedagoga, formada em artes e professora de Artes Visuais na rede pública de ensino e na cidade de São Paulo, capital e professora na rede municipal da cidade de Várzea Paulista, Estado de São Paulo.

\*\* Mestre, professor de Matemática Aplicada e Cálculo na Faculdade Sumaré e Universidade de Uberaba, respectivamente.

chooses it as central figure of this workmanship assumed a strategical character, therefore in our readings we could notice little that the public still seems perplexed ahead of the art contemporary, feeling itself prepared to understand it. Being thus, of beginning we walk a little on the description of the movement of the art contemporary, it are and inside of Brazil, it stops in them pointing out on its origins and some of its main exponent and understanding as this influenced the works of Muniz. Its workmanships bring in its essence some nuances that they can help to demystify the grotesco character that the artistic creations contemporaries can be transparent to the public who appreciates.

**Keywords:** *Vik Muniz. Contemporary Art. Visual Arts.*

## INTRODUÇÃO

**"Ao chegar lá queria que o toque fosse ao próprio corpo o que foi feito pelos espectadores e eu fiquei embriagada..." Lygia Clark (1920-1988).**

A arte contemporânea pode ter surgido entre os anos de 1950 e 1960. É nessa época onde podemos notar uma "luta" travada entre as tendências artísticas do concretismo e o neoconcretismo. O segundo surge trazendo em sua filosofia o caráter da subjetividade para o processo de criação artística, enquanto que a primeira, o concretismo, abastecia-se de aspectos racionais excessivos.

Os artistas contemporâneos parecem trabalhar com as experimentações criando obras estranhas e extravagantes, para não dizer "esquisitas" que mexem com o imaginário dos expectadores deixando-os com eternas interrogações como: Isso é arte? O que eles querem dizer com isso? Outros, enfáticos, arriscam a exclamar que "se isso é arte então não sei mais o que é arte"!

A criação nasce com o diálogo entre o contexto da realidade onde vivem os artistas, no seu tempo e espaço. Ao redor dessa realidade [dos artistas] estão questões sociais, políticas, econômicas, filosóficas e religiosas, que nutrem o imaginário artístico do "criador" que expõem suas impressões através de suas criações e as armas usadas para expressar suas visões vão desde telas e tintas aos mais variados materiais disponíveis que se pode lançar mão.

A arte contemporânea parece ser mais eclética na questão de uso de materiais, até certo ponto inusitados, que são usados para a construção desse imaginário artístico. Recebe influências de outros movimentos anteriores a ela [arte contemporânea] e parece que a influência da Pop Art, pode ser notada em muitas criações atuais, em especial nas obras do artista plástico contemporâneo Vik Muniz.

Este trabalho tem como foco central o enredo que caracteriza a arte contemporânea e procura trazer, não só para as autoras, mas também para o público que se interessa pelas artes criadas no momento, o que vem a ser esse movimento que se denominou por arte contemporânea. E mais: na busca de focar como algumas criações são produzidas nesse cenário fizemos a escolha por um renomado artista com o intuito de nos dar melhor visão sobre esse movimento artístico atual e trazer mais luz para poder desmistificar o caráter de repudia que as criações causam ao público. Dessa forma, mostrar que há, também, criações com características estilísticas. O artista escolhido para dar-nos essas impressões foi Vik Muniz que talvez seja hoje o maior expoente, brasileiro, inserido no movimento da arte contemporânea mundial.

Assim, depois da consulta a algumas bibliografias de autores, que serão referenciados ao longo desse trabalho, procuramos explorar um pouco esse cenário e tentar dar uma visão sobre essas criações inusitadas dos contemporâneos; procurar entender melhor a arte surgida e criada nesse movimento e suas manifestações no contexto brasileiro, sem dar qualquer explicação acerca de suas condições de “ser arte ou não ser”.

Trazer uma breve explanação sobre o surgimento da arte contemporânea e em especial sobre suas manifestações no movimento artístico do Brasil. Não pretendemos tecer um histórico sobre a arte e seus movimentos surgidos ao longo dos tempos, mas sim relatar um pouco sobre alguns movimentos artísticos que podem ter dado início ao movimento da arte contemporânea.

Trazemos, também, um pouco da vida artística de Vik Muniz; suas tendências e influências; relatar a técnica usada nas suas criações que o fizeram ser considerado como um dos expoentes das artes contemporâneas, principalmente com reconhecimento internacional.

## **OS DESENCONTROS E INCERTEZAS DOS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS (1950 – 1990).**

A arte que marcou os anos 1960 parecia estar incerta sobre qual movimento estaria em voga no momento, pois “desde 1960 os movimentos vêm e vão num piscar de olhos” (STRICKLAND, 2002). Havia no ar uma oposição declarada ao Expressionismo Abstrato que propunha a ação nas criações artísticas.

O fio condutor comum a todos é a oposição ao Expressionismo Abstrato. [...] Os pintores *hard edge* e os minimalistas, criaram formas semelhantes a máquinas, aniquilaram o culto à personalidade da pintura de ação. Os artistas *pop* abraçaram as imagens comerciais, os conceitualistas reduziram a ideia da arte feita à mão ao nível zero, deixando a arte existir mais na mente do que na tela. (STRICKLAND, 2002, p. 167).

A arte contemporânea apresentou uma nova tendência, que pode ter iniciado a partir de 1960 e rompe com a forma tradicional de expressão contida na arte moderna, passando a propor um projeto como uma linguagem universal abandonando as formas convencionais de criação artística e adotando um caráter híbrido em suas composições. É assim que elucida Farias (2002) colocando que:

[...] estão os artistas da década de 90, encerrada há pouco, cujas obras em construção confirmam a sensação de uma crise aguda ou mesmo do fim da arte moderna. Obras que se opõem ao projeto de uma linguagem universal e da busca metódica da novidade pela ruptura, que irrompem numa miríade de poéticas originárias das mais diversas matrizes: da que mergulham em referências históricas e pessoais àquelas que parodiam a própria arte e o círculo na qual ela está enredada; das que criticam a ideia de autonomia da arte, preferindo abandonar os suportes convencionais – pintura, escultura, etc. – em favor de manifestações híbridas, àquelas que descartam as respectivas heranças do neoconcretismo, buscam outras fontes, do barroco mineiro à arte popular, do debate sobre o problema da imagem na vida atual à especulação sobre o corpo e suas pulsões (FARIAS, 2002, p. 18-19, apud SENKO, 2013, p. 133).

O que alimenta o imaginário do artista é o que está e acontece a sua volta: os movimentos políticos, religiosos, sociais. Todo artista aproveita desses acontecimentos e processam as suas criações. Criam movimentos de libertação que se opõem aos padrões rígidos proclamados pela sociedade; a busca incessante para a criação de novas tendências, nem sempre é aceita pela maioria da população por irem ao encontro do que já é estabelecido como “normal”.

O Expressionismo Abstrato, surgido nos fins da década de 1940 e início de 1950 no cenário americano da arte, foi um movimento que propôs a liberdade de expressão. O artista passa a expressar em suas artes o que se passa em seu interior. Segundo

Strickland (2002) o Expressionismo Abstrato é uma liberdade de ação, traduzindo que ele [o Expressionismo Abstrato] busca enfatizar

a energia, a ação e o movimento frenesi. Muito mais do que então fora definido como arte era agora usado basicamente como ponto de partida [...] não se exigia mais que a arte imitasse docilmente a aparência visual; a energia e a emoção do Expressionismo Abstrato esmagaram as convenções e lançaram as bases para boa parte do que viria a seguir. (STRICKLAND, 2002, p.158).

Um artista em especial foi considerado um dos maiores representante desse movimento: Jackson Pollock (1912 – 1956). A técnica de Pollock promoveu uma verdadeira ruptura às formas tradicionais de criação artística. Abandonando o pincel e o cavalete, passou a pintar de forma frenética

arremessando loucamente punhados de tintas numa configuração totalizadora e jogando fora, junto com as latas de tinta vazias, todas as considerações artísticas convencionais, tais como primeiro plano, fundo, ponto focal e perspectiva<sup>1</sup>.

Entre os anos de 1960 e início da década de 1970 surgiu, também no cenário artístico americano, um movimento que fora explorado por diversos segmentos da cultura, assim como também no cenário das artes visuais: a *performance art*. Esse um movimento que insurgiu e trouxe, também, uma ruptura aos padrões normais da arte, como o que foi apresentado no movimento do Expressionismo Abstrato. Mais uma vez a figura de Pollock parece surgir como “vanguardista”. De acordo com Fernandes<sup>2</sup> (2001, p. 3) – em referência ao termo – “[...] foi usado inicialmente nos Estados Unidos no final dos anos sessenta, referindo-se a ações em geral, e acrescentando-se o termo arte para referir-se a uma forma espetacular específica”.

Segundo Santos (2008),

[...] a arte da *performance* também é fruto de uma série de manifestações e situações artísticas ocorridas entre as décadas de 1940 e 1960, a exemplo da “*Actino painting*” de Jackson Pollock [...] Esse tipo de expressão aparece na cena artística como uma forma de negação do mercado de arte; contestação do discurso sacralizador; valorização da criatividade e da liberdade artística em detrimento da técnica e do virtuosismo. Absorvidos pelo sistema, os registros dessas experimentações (vídeos, fotografias, projetos, etc.) compõem acervos

<sup>1</sup> STRICKLAND, 2002, op.cit., p. 158.

<sup>2</sup> FERANADES, 2001, p.3 apud SANTOS, 2008, p.8.

de museus e galerias ao redor do mundo – mais um paradoxo na história da arte contemporânea. (SANTOS, 2008, p.8).

Como dito anteriormente no início desse tópico, o abandono do pincel, das telas, das formas estilísticas e da pintura em ação, preconizados pelo Expressionismo Abstrato dá licença a novos movimentos. Um desses movimentos trás de volta a Europa no cenário artístico, “abandonando” os terrenos americanos e nos anos 1980 e início da década de 1990, as fronteiras das artes são rompidas e o neoexpressionismo trás de volta à figura humana, a imagem. Os artistas neoexpressionistas “devolveram a figura à pintura e imagens reconhecíveis à corrente artística principal, infundindo em suas telas intensas, emocionais, preocupações autobiográficas e sociais”. (STRICKLAND, 2002, p. 168).

6

## A “AFIRMAÇÃO” DA ARTE CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

O movimento do neoconcretismo no Brasil teve a participação de expoentes de peso em várias esferas das culturas como Lygia Clarck (1920-1988), Hélio Oiticica (1937 – 1980) Ferreira Gullar (1930 - ), Ligia Pape (1927 – 2004), Amílcar de Castro (1920 – 2002), Franz Weissmann (1911 – 2005), Reynaldo Jardim (1926 – 2011), Theon Spanudis (1915 – 1986). Todos, com exceção de Oiticica, foram signatários do manifesto neoconcretista no ano de 1959 que culminou na abertura da I Exposição de Arte Neoconcreta naquele mesmo ano.

Esse movimento, que surgiu no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, por volta dos finais dos anos de 1950, foi uma reação ao movimento concretista ortodoxo defendido pela classe artística paulista que eram partidários da autonomia na criação das formas em detrimento ao simbolismo estético defendido pelos Concretistas cariocas.

Nas consultas às literaturas não vemos consenso sobre o florescimento do período contemporâneo da arte no Brasil. Mas parece-nos que essa luta travada entre os concretistas e os neoconcretistas pode ter sido a porta que se abriu para que arte contemporânea entrasse no cenário artístico brasileiro.

Alguns pensam a arte contemporânea, ou o seu surgimento, como um movimento pós-moderno que foi trazido como parte da era tecnológica (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, 2008). Ainda, segundo esses mesmos autores “este pode ser um argumento para situar a arte contemporânea.”.



Diante de tantas interrogações sobre o surgimento, “afirmação” e mesmo consolidação da arte contemporânea e suas influências – que são tantas – situamo-nos segundo os dizeres de Santos (2008):

Não é sem propósito que o artista contemporâneo – principalmente o artista performático – tem reivindicado a presença do corpo do homem comum na arte e no nosso cotidiano que a cada dia perde em espontaneidade e liberdade, apresentando um corpo ainda humano, essencialmente animal, com odor e suor sobre a pele: o corpo natural frente ao corpo artificial. (SANTOS, 2008, p. 27).

Também nos apoiamos nos dizeres de Mendonça (2009):

Acreditamos que foi, sobretudo a partir da década de 1960, que as artes visuais sofreram alterações mais contundentes no campo da estética e da recepção. A experimentação começou a ser entendida como um caminho fértil para o fazer artístico e, com isso, a recepção, a busca de novos suportes, técnicas e materiais passaram a exigir um novo posicionamento do espectador na sua relação com a obra, ao mesmo tempo em que ele participava de sérias transformações na cultura visual que o envolvia ou que lhe chegava pelos aparatos midiáticos globalizados. (MENDONÇA, 2009, p. 3946).

Mais ainda, segundo Danto (2006), que também aponta que a arte contemporânea pode ter surgido em algum momento dos anos de 1960: “O contemporâneo deixou de ser moderno a não ser no sentido do ‘mais recente’, e o moderno passou a parecer cada vez mais um estilo que floresceu de aproximadamente 1880 até algum momento da década de 1960.” (DANTO, 2006, p. 13). Preconiza, pois que a arte moderna perdurou por cerca de 80 anos quando, enfim, repousou e abriu as portas para um novo estilo artístico: a arte contemporânea.

## **VIK MUNIZ E O CENÁRIO DA ARTE CONTEMPORÂNEA**

A arte contemporânea, surgindo como uma nova expressão de manifestação da arte, ou de sua forma de criação, a princípio não foi muito aceita pela maioria do público, pelo simples fato de provocar uma “aversão” por parte desse público por não entendimento da mensagem que ela, a obra, tenta passar ou mesmo pela rejeição ao que é novo e inusitado.

Inusitado. Usamos essa palavra com a possibilidade de definir a arte contemporânea, pois ela, em muita de suas formas de expressões, nas artes plásticas, no teatro, ou mesmo em suas manifestações musicais, trazem a tona uma maneira de ver ou

sentir as coisas que por vezes extrapola, chegando a ser extravagante. Claudio Stranati<sup>3</sup>, em entrevista concedida à Carta Capital elucida:

Nos dias de hoje, o artista oferece a “tradicional” obra plástica que chega ao usufruidor no final de um processo que lhe é estranho. Pensamos no desenfreado interesse pelo futebol: a visão de uma partida tem valor estético maravilhoso, e o espectador de tevê vive uma experiência envolvente e fascinante. Por outro lado, percorrendo uma exposição de arte contemporânea, o visitante não tem tempo para aprofundar o conhecimento da história nem o processo criativo do artista, bombardeado como é por mensagens estéticas muito mais intensas e diretas. Então, é comum considerar aquela “arte” como um imbróglio. (Stranati, 2014. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/813/a-arte-contemporanea-nao-existe-8249.html>. Acesso em 26/out/2014).

8

Mas a arte contemporânea não é só movida pelas expressões de exageros e extravagâncias. Apresenta, também, momento de lucidez e de pura estética.

Artistas dos anos 80[90] trazem a volta a “prática da pintura e a valorização de experimentação de novos materiais para a criação” (AGOSTINETTI & CAVALCANTI, p. 17).

Foi nesse momento que verificamos o resgate do sentimento através da arte como forma de interpretar o mundo e a realidade que nos cerca, com dosagens éticas, políticas e social por trás da criação artística. Com a utilização de materiais diversos e inusitados os “artistas contemporâneos que apresentam uma poética nova, materiais inusitados atraindo bastante à atenção...” (ibid., p. 17). Ainda mais, segundo Costa (2006),

a arte dos anos 90 e da virada do século reafirma as tendências supracitadas enveredando-se ainda mais na política e causas sociais, ambientais e econômicos. Mostra ainda a proliferação da arte performática, das instalações e suportes associados a gêneros híbridos e materiais variados. (COSTA, 2006, p.29).

É nesse contexto em que o artista contemporâneo Vik Muniz se encaixa e sobre ele iremos nos ater para retratar a vida e a obra desse renomado expoente internacional – brasileiro – da arte contemporânea.

---

<sup>3</sup> Claudio Stranati é historiador e crítico de arte de renome internacional. Italiano de origem tornou-se especialista em artes do séc. XVI e XVII, especialmente em Caravaggio(1571-1610). Não é exatamente um apreciador da arte contemporânea, mas reflete sobre ela nessa entrevista dada a Carta Capital. (grivo nosso).



## VIK MUNIZ SUAS TÉCNICAS E INFLUÊNCIAS

Vicente José de Oliveira Muniz, codinominado por Vik Muniz é paulista de origem, nascido em 1961. cursou publicidade na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Em 1983, já com 23 anos, se mudou para Nova York, onde passa a residir e trabalhar. Insere-se no mundo das artes em 1988, aos 27 anos, ao perceber que a fotografia<sup>4</sup> e o desenho, criados a partir de materiais diversos, poderiam fornecer-lhe subsídio a suas criações.

A técnica apresentada por Vik Muniz é a recriação de imagens, que há princípio são criadas usando os materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, catchup, gel para cabelo, lixo, entre outros. Vik Muniz, então, fotografa essas criações tornando-as imagens que são expostas ao público para apreciação. Foi assim que o artista, fazendo a fusão entre o desenho a fotografia passou a se inserir no cenário internacional como um artista plástico contemporâneo.

As recriações de Vik Muniz transitam entre o clássico, reproduzindo obras de artistas como Corot, Coubert, Monet, Da Vinci, Caravaggio – desse último, Muniz reproduz com chocolate líquido a obra “A Descida da Cruz”, Caravaggio (1571 - 1610) –, ao cotidiano. Isso concede ao artista uma inigualável licença poética com elevado índice de criatividade.

É com esse contexto, como já haviam dito anteriormente, que Muniz desenvolve suas obras, dosadas de estética e harmonia explorando o caráter híbrido de suas composições. Segundo Farias (2002),

A arte contemporânea nasce como resposta ao esgotamento desse ensinamento da arte, com as modalidades canônicas – pinturas e esculturas – explorando-se, investigando-se suas naturezas até o avesso. Entre os índices – e são tanto! – desse esgotamento, figuram deste o retorno de questões e fórmulas antes vistas ultrapassando – a pintura e a escultura figurativas, de contexto político, mitológico, etc. – até o florescimento de expressões híbridas, quando não inteiramente novas, como as obras que oscilam entre a pintura e a escultura, os happening e as performances; as obras que exigiam a participação do público; as instalações; a arte ambiental etc. (FARIAS, 2002, apud. SENKO, 2013, p. 132-133).

<sup>4</sup> Vik Muniz se refere a isso dizendo “Comprei minha primeira câmera apenas aos 27 anos”, conta a Fotografia. Disponível em < Disponível em: <http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/> > Acesso em 28/10/2014).



Figura 1 - Obra em chocolate. [1]

Em entrevista concedida a revista Foto Grafia em abril de 2011, Muniz comenta sobre a mostra realizada em 1988 denominada de *The best of life*, dizendo que “não é bem o material ou o tema, o inusitado é como essas coisas se relacionam”. (VIK MUNIZ, 2011). Nessa mostra o retrato de Monalisa em pasta de amendoim e geléia, Elizabeth Taylor desenhada com diamantes e o Frankenstein em caviar são alguma dessas obras da série.

Veja o trecho da entrevista em que o próprio artista alude sobre o que foi apresentado nessa série:

“A série *The Best of Life* são desenhos de fotografias muito famosas feitas completamente da memória. Quando os desenhos eram bons o suficiente para se parecer como uma má reprodução da imagem original, eu os fotografei e imprimi com a mesma amostra de tons que nós normalmente vemos nessas imagens. Nesses trabalhos eu tentei encontrar como a fotografia se parece em nossa cabeça quando não estamos olhando para ela. Elas trazem as estruturas das famosas fotos, mas, na verdade, são muito diferentes”<sup>5</sup>.

Vik Muniz não foi um artista pronto. Sua técnica não surgiu do acaso. Assim como tantos artistas na história, sofreu influencia de outros anteriores a ele. Uma dessas influências veio das apreciações da arte de Andy Warhol<sup>6</sup> (1928 – 1987), artista americano que nos anos 60 desenvolveu [esteve inserido] no movimento da Pop Art.

Segundo Senko (2013, p. 139) Andy Warhol foi “um dos representantes mais expressivos do movimento [Pop Art]”. Essa influência fez Vik Muniz resgatar uma

<sup>5</sup> Este trecho da entrevista de Vik Muniz dada a revista Foto Grafia pode ser encontrado no sítio <http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/> Acesso em 28/10/2014(Grifo nosso).

<sup>6</sup> Para saber mais sobre Andy Warhol sugerimos a consulta ao site [http://pt.wikipedia.org/wiki/Andy\\_Warhol](http://pt.wikipedia.org/wiki/Andy_Warhol)

pouco da filosofia adotada nas obras de Warhol. Esse resgate pode ser notado numa mostra que ele, Muniz, fez no Museu Oscar Niemeyer (MON): uma releitura da série “Jackies”<sup>7</sup>[Four Jackies, 1964].

[...] Vik, que na obra aqui analisada traz ao espectador outra visão dessa personagem: uma série de retratos fotografados da figura de Jackie Kennedy feitos com “ketchup”, nos remetendo muito mais ao cotidiano norte-americano. A obra *Jackie Kennedy* (1999 – cibachrome print) tem sua composição formal composta por uma sequência de expressões do rosto de Jackie.(SENKO, 2013, p. 140)

Há de pensar na arte como forma de falar do sujeito que á cria e remete ao público para apreciação. O entendimento e a clareza são colocados à prova e o que esse público pode ou não expressar sobre essa criação é que importa ao criador. Às vezes a criação (obra) assume um caráter filosófico e está provida de aspectos sociais.



Figura 2 – Releitura de Jackie, de Warhol, por Vik Muinz [2]

O documentário *Lixo Extraordinário* que retrata a vida dos catadores de lixo do aterro sanitário Jardim Gramacho<sup>8</sup>, Rio de Janeiro. Aqui podemos notar o caráter social e filosófico imputado à obra de Vik Muniz, pois segundo Marques e Senna (2014)

a proposta do artista plástico volta-se para a exploração de uma possibilidade de desenvolvimento social para os catadores através da

<sup>7</sup> Jackie é na verdade Jacqueline Kennedy, que foi primeira dama americana casada com ex-presidente americano John F. Kennedy, assassinado em novembro do ano de 1963. (grifo nosso).

<sup>8</sup> Esse que funcionou por aproximadamente 34 anos, foi fechado em 03 de junho de 2012, e foi considerado o maior aterro sanitário a céu aberto da América Latina (MARQUES; SENNA, 2014, Op. Cit., p. 176).

participação em seu projeto artístico[...] não se trata de fazer denúncias, de solicitar do espectador compaixão pelos retratados e ódio ao capitalismo (MARQUES; SENNA, 2014, p.177-187).

[...] “quero tirar as pessoas, nem que seja por alguns minutos do lugar onde elas estão, e mostrar-lhes outro mundo, outro lugar, mesmo que seja um lugar onde possam ver onde estão, isso muda tudo. É uma experiência de como a arte pode mudar a pessoa, é possível isso?”[questiona]. (VIK MUNIZ; apud. MARQUES; SENNA, 2014; ibid.).



Figura 3 - Uma das obras do Lixo Extraordinário [3]

Há também, por trás desse documentário proposto por Muniz, de colocar a pintura luxuosa em contraposição a uma releitura [recriação] de obras do renascimento clássico. Exemplo disso é a recriação de “Madonna com a Criança”(1510), obra do pintor clássico Giovanni Bellini (1519). Muniz recria a obra desse artista com a utilização de lixos colhidos do aterro, usando pessoas que viviam desse ofício como modelo, numa tentativa que mostrar que o belo e o feio podem vir da mesma essência. Assim nos relata Ramos (2013), ao dizer que

essa obra traz o belo e o feio conjuntamente; não se pode escolher um ou outro, eles se constituem. O belo surge com a memória da obra de Giovanni Bellini, a qual foi produzida no período renascentista e serviu de referência pra a obra de Vik Muniz; no entanto, um deslocamento pode ser percebido, a começar pelo material usado nas obras: tinta óleo em Bellini e lixo em Vik Muniz. (RAMOS, 2013, p. 3-4).

Portanto, vemos transparecer em Vik Muniz o caráter social em muitas de suas produções, pois o que está ao ser redor, fotografando lugares (ambientes) e pessoas, interagindo com esses ambientes e com elas mesmas, são subsídios a suas criações. Isso parece denotar um caráter quase que simbiótico entre o autor e o público. Vemos, então,



“um profissional de intensa produção e faz um interessante diálogo entre o público e sua obra”.(SENKO, 2013, p. 129).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento da arte contemporânea é sem dúvidas recheado de incerteza sobre seu surgimento como tendência artística, sua afirmação como expressão de arte, sua configuração e formato que traduzem sua forma estilística de criação artística.

Trouxemos aqui um pouco desse cenário controverso das artes ao longo do séc. XX e sua passagem para o séc. XXI, onde, cremos, a arte contemporânea tenha se firmado como movimento artístico que pudesse, não em ser compreendido, mas aceito como uma forma de criação.

Em especial, pudemos entender o quando a obra do artista plástico Vik Muniz pode “nos relata[r] ao ponto da afetividade que a fotografia pode destacar. O artista afirma que a imagem pode dialogar como expectador, gerar mediações[...]”(SENKO, 2013, p. 10). A obra pode ultrapassar os limites do imaginário e trazer à tona questões sociais que podem ser trazidos ao expectador e este refletir sobre sua essência.

Assim, ao interpretarmos uma obra devemos proceder a uma análise da mesma e para tanto devemos usar nossos sentidos (RAMOS, 2013, p. 6).

Não nos detemos a uma análise das criações de Vik Muniz, mas esperamos que seu trabalho procure ser mais difundido em terras brasileiras o que não notamos nas pesquisas bibliográficas que fizemos. Vimos que o artista é muito respeitado no exterior, não só nos Estados Unidos, mas como também em outros países.

A arte contemporânea é o novo que assusta (AGOSTINETTI & CAVALCANTI), mas ela trás também momento de pura expressão artística.

Assim, deixamos aqui a sugestão para que, em outras pesquisas, façam um aprofundamento sobre a arte contemporânea e procurem relacioná-la com as tendências tecnológicas. Não será um espanto se ambas forem fruto de um mesmo momento histórico e apresentarem uma relação intrínseca como forma de expressão artística.

## Fontes das Imagens

[1] <https://rosepetenucci.wordpress.com/2011/06/22/pintura-em-chocolate-%E2%80%93-comida-para-admirar/obra-em-chocolate-de-vik-muniz-rose-petenucci/>

[2] <http://www.elise.com/blog/nyc - vik muniz the armory>

[3] <http://www.revistafotografia.com.br/vik-muniz/>

### Referências Bibliográficas

AGOSTINETTI, L.C.C.; CAVALCANTI, J.D. **Arte Contemporânea**: O novo que assusta. Disponível em < [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br). > Acesso em 25/out/2014.

COSTA., F. da Silva. **Movimento Gororoba**: uma mostra da produção artística contemporânea maranhense, 2006. Disponível em <<http://www.outrostempos.uema.br/curso/especializacaopdf/fran.pdf>. > acesso em: 29/10/2014.

DANTO, Arthur C. **Após o Fim da Arte**: a arte contemporânea e os limites da história. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. Disponível em < [http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sUNdrB5P\\_FcC&oi=fnd&pg=PR11&dq=historia+da+arte+contempor%C3%A2nea&ots=a1tYuncYfO&sig=cLwvxFdgjZXmN8FNlcRiuNDGnrI#v=onepage&q=historia%20da%20arte%20contempor%C3%A2nea&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sUNdrB5P_FcC&oi=fnd&pg=PR11&dq=historia+da+arte+contempor%C3%A2nea&ots=a1tYuncYfO&sig=cLwvxFdgjZXmN8FNlcRiuNDGnrI#v=onepage&q=historia%20da%20arte%20contempor%C3%A2nea&f=false)> Acesso em 30/out/2014.

MARQUES, A. C. S.; SENNA, G. **Arte e Política, Estética e Ética no Documentário Lixo Extraordinário**. Revista Comunicação Midiática, v.9, n.1, p.174-196, jan./abr. 2014. Disponível em <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/452/258>. > Acesso em: 28/10/2014.

MEDONÇA, Vera Rodrigues de. **O Contexto e a Mediação da Recepção na Arte Contemporânea**. In: 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais, 18, 2009, Salvador. **Anais...** 2009. p. 3944 – 3958. Disponível em < [http://www.academia.edu/264844/\\_EXPLORACOES\\_ARTISTICAS\\_CONTEMPORANEAS](http://www.academia.edu/264844/_EXPLORACOES_ARTISTICAS_CONTEMPORANEAS) > Acesso em 29/10/2014.

RAMOS, Thaís Valim. **A Arte Como Forma de Falar do Sujeito**, 2013. VI seminário de estudos em Análise de discurso. Anais do VI – SEAD – 2013. Disponível em < [http://scholar.google.com.br/scholar?q=Thais+valim+Ramos+a+arte+como+forma+de+falar+do+sujeito&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](http://scholar.google.com.br/scholar?q=Thais+valim+Ramos+a+arte+como+forma+de+falar+do+sujeito&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5) > Acesso em 25/out./2014.

SANTOS, J. M. P. **Breve Histórico da “Performance Art” no Brasil e no Mundo**. Revista Ohun, ano 4, n. 4, p. 1-32, Dez. 2008. <Disponível em: [http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze\\_mario.pdf](http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze_mario.pdf). > Acesso em: 28/10/2014.

SENKO, Elaine Cristina. **VIK MUNIZ**: A percepção Intima Através de Andy Warhol. Revista Vernáculo, nº 31, 1º Sem./2013.

STRICKLAND, C. **Arte Contemporânea: Da Pré-História ao Pós-Moderno**. Tradução de Ângela Lobo Andrade – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.